



Out/Nov/Dez/2012 | edição 115 | Edição Especial | ano XI | [www.nossolarcampinas.org.br](http://www.nossolarcampinas.org.br)

Revista

# Fidelidad**ESPÍRITA**

## *ANTE OS QUE PARTIRAM*

---

EDIÇÃO ESPECIAL

---

“MORRER É MUDAR CONTINUANDO EM ESSÊNCIA O MESMO”

A  
Revista que  
se **Responsabiliza**  
**Doutrinariamente**  
pelos Textos Publicados



Editor

**Emanuel Cristiano**

Jornalista Responsável

**Renata Levantesi (Mtb 28.765)**

Design Gráfico

**Rodrigo Diniz**

Revisão

**Zilda Nascimento**

Administração e Comércio

**Elizabeth Cristina S. Silva**

Apoio Cultural

**Braga Produtos Adesivos**

Impressão

**Citygráfica**

#### **ASSINATURAS**

Assinatura: 12 Edições

Revista Trimestral

R\$ 100,00

#### **Centro de Estudos Espíritas**

##### **“Nosso Lar”**

Rua Dr. Luís Silvério, 120

13042-010 Vila Marieta

Campinas – São Paulo – Brasil

CNPJ: 01.990.042/0001-80

I.E.: 244.933.991.112

O Centro de Estudos Espíritas “Nosso Lar” responsabiliza-se doutrinariamente pelos artigos publicados nesta revista.

04. O que a morte parece ser?

06. Por que temos de morrer?

08. Tragédias

09. O que influi no processo de desencarnação?

10. Depois da morte

12. Fuga comprometedora

14. A criança após a morte

17. Não morreram, partiram antes

18. Cremação de cadáveres e transplante de órgãos

20. Repensando a morte

22. Velho trauma

24. Estranho culto

25. Flores de saudade

26. Jóias devolvidas

# ANTE OS QUE PARTIRAM

POR Emmanuel / Chico Xavier

**N**enhum sofrimento, na Terra, será talvez comparável ao daquele coração que se debruça sobre outro coração regelado e querido que o ataúde transporta para o grande silêncio.

Ver a névoa da morte estampar-se, inexorável, na fisionomia dos que mais amamos, e cerrar-lhes os olhos no adeus indescritível, é como despedaçar a própria alma e prosseguir vivendo.

Digam aqueles que já estreitaram de encontro ao peito um filhinho transfigurado em anjo da agonia; um esposo que se despede, procurando debalde mover os lábios mudos; uma companheira, cujas mãos consagradas à ternura pendem extintas; um amigo que tomba desfalecente para não mais se erguer, ou um semblante materno acostumado a abençoar, e que nada mais consegue exprimir senão a dor da extrema separação, através da última lágrima!

Falem aqueles que, um dia, se inclinaram, esmagados de solidão, à frente de um túmulo; os que se rojaram em prece nas cinzas que recobrem a derradeira recordação dos entes inesquecíveis; os que caíram,

varados de saudade, carregando no seio o esquife dos próprios sonhos; os que tatearam, gemendo, a lousa imóvel, e os que soluçaram de angústia, no ádito dos próprios pensamentos, perguntando, em vão, pela presença dos que partiram.

Todavia, quando semelhante provação te bata à porta, reprime o desespero e dilui a corrente da mágoa na fonte viva da oração, porque os chamados mortos são apenas ausentes e as gotas de teu pranto lhes fustigam a alma como chuva de fel.

Também eles pensam e lutam, sentem e choram.

Atravessam a faixa do sepulcro como quem se desvencilha da noite, mas, na madrugada do novo dia, inquietam-se pelos que ficaram... Ouvem-lhes os gritos e as súplicas, na onda mental que rompe a barreira da grande sombra e tremem cada vez que os laços afetivos da retaguarda se rendem à inconformação ou se voltam para o suicídio.

Lamentam-se quanto aos erros praticados e trabalham, com afinco, na regeneração que lhes diz respeito.

Estimulam-te à prática do bem, partilhando-te as dores e as alegrias.

Rejubilam-se com as tuas vitórias no mundo interior e consolam-te nas horas amargas para que não te percas no frio do desencanto.

Tranquiliza, desse modo, os companheiros que demandam o Além, suportando corajosamente a despedida temporária, e honra-lhes a memória, abraçando com nobreza os deveres que te legaram.

Recorda que, em futuro próximo que imaginas, respirarás entre eles, comungando-lhes as necessidades e os problemas, porquanto terminarás também a própria viagem no mar das provas redentoras.

E, vencendo para sempre o terror da morte, não nos será lícito esquecer que Jesus, o nosso Divino Mestre e Herói do Túmulo Vazio, nasceu em noite escura, viveu entre os infortúnios da Terra e expirou na cruz, em tarde pardacenta, sobre um monte empedrado, mas ressuscitou aos cânticos da manhã, no fulgor de um jardim. ■


Fonte:

*Religião dos Espíritos*, de Emmanuel,  
por Francisco C. Xavier

# O QUE A MORTE PARECE SER?

POR Therezinha Oliveira

"MORRER É MUDAR CONTINUANDO EM ESSÊNCIA O MESMO"

 Costuma-se simbolizar a morte por um esqueleto chacoalhante (o que restaria do corpo), armado de foice (com que cortaria o fio da vida), portando uma ampulheta (para contar o tempo de vida das criaturas) e vestindo um manto preto (no qual escondia, para sempre de nós, a pessoa que morreu).

## SERÁ A MORTE FEIA E TERRÍVEL ASSIM?

Para os materialistas, que somente acreditam na matéria, a

morte é o fim da vida nos seres, a completa e irresistível desorganização dos corpos, o fim de tudo.

Mesmo entre os espiritualistas, grande parte encara a morte com temor. Crêem em algo além do corpo, mas apenas de modo teórico. Como não se utilizam do intercâmbio mediúnico, faltam-lhes a experiência pessoal, as provas quanto à sobrevivência do Espírito. Em consequência, a morte lhes parece porta de entrada para o desconhecido. E nada mais assustador do que aquilo que não se conhece.





## O QUE A MORTE REALMENTE É

A morte é apenas o processo pelo qual o Espírito se desliga do corpo que perdeu a vitalidade e não lhe pode mais servir para a sua manifestação no mundo terreno.

O Espírito não morre quando o corpo morre. Não depende dele para existir. Antes de encarnar neste mundo, o Espírito já existia e vai continuar existindo depois que o corpo morrer.

Desligado do corpo que morreu, o Espírito continuará a viver, em condições diferentes de manifestação, em outro plano de atividades: o mundo espiritual, sua pátria de origem.

Para entendermos bem isso, recordemos como é que encarnamos e desencarnamos.

## COMO ENCARNAMOS

A ligação do espírito com a matéria se dá por meio do perispírito (corpo espiritual) e se faz desde a concepção.

Ligado ao ovo, o perispírito vai servir de molde para a formação do corpo material, sendo utilizados nessa formação os elementos hereditários fornecidos por pai e mãe. As células se multiplicam em obediência às leis da matéria e em conformidade com a influência que o perispírito do reencarnante exerce.

Quando o corpo apresenta condições de vida, independente do organismo materno, se dá o nascimento físico.

## A DESENCARNAÇÃO

A carga vital, que havíamos hau-

rido ao encarnar, um dia se esgotará, acarretando a morte física. Esse esgotamento ocorre por velhice, por excessos e desregramentos ou porque uma doença ou acidente danifiquem o corpo material de modo irreversível.

Morto o corpo, vem o desprendimento perispiritual, que começa a fazer sentir seus efeitos pelas extremidades do organismo, desatam-se os laços fluídicos nos centros de força, sendo o centro cerebral o último a se desligar.

Às vezes, médiuns vêem o desprendimento dos fluidos perispirituais, que vão formando um outro corpo – o fluídico – acima dos agonizantes. ■


Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. O que a Morte Parece ser?* Págs. 3 - 6. CEAK 2003.

# POR QUE TEMOS DE MORRER?

## NÃO PODERÍAMOS FICAR VIVENDO PARA SEMPRE NA TERRA?

POR Therezinha Oliveira

 O objetivo do Espírito não é permanecer no plano terreno. Seu ambiente natural e definitivo é o plano espiritual.

O Espírito encarna em mundos corpóreos para cumprir desígnios divinos. Deus quer que o Espírito cumpra uma função na vida universal e, ao mesmo tempo, vá se desenvolvendo intelectual e moralmente.

Cada encarnação só deve durar o tempo suficiente para que o Espírito cumpra a tarefa que lhe foi

designada e enfrente as provas e experiências que mais sejam necessárias à sua evolução, no momento.

Depois de cada encarnação, o Espírito se desliga da vida terrena e retoma a seu estado natural, que é o de Espírito liberto.

No intervalo entre duas encarnações, o Espírito vive de modo muito mais amplo do que quando encarnado, porque o corpo lhe limitava um tanto as percepções e atividades espirituais.

Então, avalia os resultados da encarnação que findou e prossegue

se aperfeiçoando espiritualmente na vida do Além.

Encarnará novamente, quando isso se fizer necessário e oportuno para a continuidade de seu progresso intelectual e moral e para o cumprimento da função que Deus lhe designar na vida universal.

### DEENCARNAR É UM PROCESSO DOLOROSO?

Não mais do que as dores e dificuldades que muitas vezes experimentamos aqui na Terra. Depende





muito de como a pessoa encara os acontecimentos e das condições que ela tenha para solucionar ou suportar.

É comum o recém-desencarnado sentir, de início, uma certa perturbação.

## POR QUE A PERTURBAÇÃO?

## NÃO ESTAMOS VOLTANDO AO NOSSO VERDADEIRO MUNDO?

## TUDO DEVERIA SER MUITO NATURAL

Deveria e assim acontece com os Espíritos mais evoluídos. Mas, geralmente, prendemo-nos demais às sensações físicas durante a vida do corpo, canalizamos muito as sensações em nossos órgãos dos

sentidos. Desencarnados, ainda queremos continuar a ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, sentidos corpóreos que já não temos. Por isso, de início não percebemos bem o novo plano em que passamos a viver. Temos de habituar-nos às percepções perispirituais em vez das percepções dos sentidos materiais.

É uma readaptação ao plano do Espírito. Quando nascemos na Terra, levamos algum tempo adaptando-nos ao novo corpo. Ao desencarnar, também precisamos de uma fase de readaptação ao plano espiritual.

## DEMORA MUITO ESSA READAPTAÇÃO AO MUNDO ESPIRITUAL?

A duração vai depender da evolução do Espírito. Para alguns, bre-

ves instantes bastam. Para outros, demora até o equivalente a muitos dos nossos anos terrenos.

Quem não se preparou para a vida espiritual sentirá maior dificuldade em se readaptar ao novo plano de vida, razão por que há Espíritos que se comunicam dizendo estarem perturbados, desorientados.

Quem se preparou bem passa rapidamente pela fase e logo se sente readaptado ao plano espiritual.

O preparo para a vida espiritual vem do cultivo de nossas faculdades de espírito e da busca do equilíbrio com as leis da vida. Para isso, nada melhor do que manter a conduta moral cristã. ■

### Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Por que Temos de Morrer?* Págs. 6 - 9. CEAK 2003.







# TRAGÉDIAS

POR Richard Simonetti

**M**ultidões regressam à Espiritualidade diariamente, envolvidas em circunstâncias trágicas: incêndios, desmoronamentos, terremotos, afogamentos, acidentes aéreos e automobilísticos ...

“Por quê?” – questionam, angustiados os familiares.

A Doutrina Espírita demonstra que tais ocorrências estão associadas a experiências evolutivas. Não raro representam o resgate de dívidas cármicas contraídas com o exercício da violência no pretérito.

Todos “balançamos” quando nos vemos às voltas com mortes assim, envolvendo nossos afetos. Muitos, desarvorados, mergulham em crises de desespero e revolta, reação compreensível ante o impacto inesperado. Somente o tempo, a fluir incessante, no desdobramento dos dias, amenizará suas mágoas, sugerindo um retorno à normalidade. A vida continua ...

Considere-se, entretanto, que o desencarnado não pode esperar. Personagem central da tragédia, situa-se perplexo e confuso. Em-

bora amparado por benfeitores espirituais, enfrenta previsíveis dificuldades de adaptação, sentindo repercutir nele próprio as emoções dos familiares. Se estes cultivam reminiscências infelizes, detendo-se nos dolorosos pormenores do funesto acontecimento, fatalmente o levam a revivê-lo com perturbadora insistência. Imaginemos alguém vitimado num incêndio a reviver o inferno de chamas sob indução do pensamento inquieto e atormentado dos que não se conformam ...

Nas manifestações desses Espíritos há uma tônica comum: o apelo para que os familiares retornem à normalidade e retomem as suas atividades, desenvolvendo novos interesses, particularmente os relacionados com a prática do Bem, bálsamo divino para as dores da separação.

No livro “Vida no Além”, psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito do jovem Willian José Guagliardi, desencarnado juntamente com outros cinquenta e oito, num acidente com ônibus escolar que se precipitou num rio, em

São José do Rio Preto, SP, dirige-se à sua mãe, confortando-a. Dentre outras considerações, diz:

*“Estou presente, rogando à senhora que me ajude com sua paciência. Tenho sofrido mais com as lágrimas da senhora do que mesmo com a libertação do corpo ... Isso, Mamãe, porque a sua dor me prende à recordação de tudo o que sucedeu e quando a senhora começa a perguntar como teria sido o desastre, no silêncio do seu desespero, sinto-me de novo na asfixia”.*

Evidente que não vamos cultivar fleumática tranquilidade, considerando natural que alguém muito amado parta tragicamente. Por mais ampla que seja nossa compreensão, sofreremos muito. Talvez não exista angústia maior. Imperioso, contudo, que mantenhamos a serenidade, cultivando confiança em Deus, não por nós apenas, mas, sobretudo em benefício daquele que partiu. Mais do que nunca ele precisa de nossa ajuda. ■

**Fonte:**

SIMONETTI, Richard. *Quem tem Medo da Morte?* Págs. 48-51. Lumini. 1986.



# O QUE INFLUI NO PROCESSO DE DESENCARNAÇÃO?

POR Therezinha Oliveira



O processo todo da desencarnação e reintegração à vida espírita dependerá:

## 1. Das circunstâncias da morte do corpo

Nas mortes por velhice, a carga vital foi esgotando-se pouco a pouco e, por isso, o desligamento tende a ser natural e fácil e o Espírito poderá superar logo a fase de perturbação.

Nas mortes por doenças prolongadas, o processo de desligamento também é feito pouco a pouco, com o esgotamento paulatino da vitalidade orgânica, o Espírito vai-se preparando para a desencarnação e ambientando-se com o mundo espiritual que, às vezes, até começa a entrever, porque suas percepções estão transcendendo ao corpo.

Nas mortes violentas (acidentes, desastres, assassinatos, suicídio, etc.), o rompimento dos laços que ligam o Espírito ao corpo é brusco e o Espírito pode sofrer com isso, e a perturbação tende a ser maior. Em casos excepcionais (como o de alguns suicidas), o Espírito poderá sentir-se temporariamente “preso”

ao corpo que se decompõe, o que lhe causará dolorosas impressões.

## 2. Do grau de evolução do Espírito desencarnante

De modo geral, quanto mais espiritualizado o desencarnante, mais facilmente consegue desvencilhar-se do corpo físico já sem vida. Quanto mais material e sensual tiver sido sua existência, mais difícil e demorado é o desprendimento.

A perturbação natural por se sentir desencarnado é menos demorada e menos dolorosa para o Espírito evoluído. Quase que imediatamente ele reconhece sua situação, porque, de certa forma, já se vinha libertando da matéria antes mesmo de cessar a vida orgânica (vivia mais pelo e para o Espírito). Logo retoma a consciência de si mesmo, percebe o ambiente em que se encontra e vê os Espíritos ao seu redor. Para o Espírito pouco evoluído, apegado à matéria, sem cultivo das suas faculdades espirituais, a perturbação é difícil, demorada, sendo acompanhada de ansiedade, angústia, e podendo durar dias, meses e até anos.

## A AJUDA ESPIRITUAL

A bondade divina, que sempre prevê e provê o de que precisamos, também não nos falta na desencarnação.

Por toda parte, há bons Espíritos que, cumprindo os desígnios divinos, se dedicam à tarefa de auxiliar na desencarnação os que retornam à vida espírita.

Alguns amigos e familiares (desencarnados antes) costumam vir receber e ajudar o desencarnante na sua passagem para o outro lado da vida, o que lhe dá muita confiança, calma e, também, alegria pelo reencontro.

Todos receberão essa ajuda, normalmente, se não apresentarem problemas pessoais e comprometimento com Espíritos inferiores. Em caso contrário, o desencarnante às vezes não percebe nem assimila a ajuda, ou é privado dessa assistência, ficando à mercê de Espíritos inimigos e inferiores, até que os limites da lei divina imponham um basta à ação destes e o Espírito rogue e possa receber e perceber a ajuda espiritual. ■

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram*. Págs. 10 - 13. CEAK 2003.

# DEPOIS DA MORTE

POR Therezinha Oliveira

**A**pós desligar-se do corpo material, o Espírito conserva sua individualidade, continua sendo ele mesmo, com seus defeitos e virtudes.

Sua situação, feliz ou não, na vida espírita será consequência da sua existência terrena e de suas obras. Os bons sentem-se felizes e no convívio de amigos; os maus sofrem a consequência de seus atos; os medianos experimentam as situações de seu pouco preparo espiritual.

Através do perispírito, conserva a aparência da última encarnação, já que assim se mentaliza. Mais tarde, se o puder e desejar, a modificará.

Depois da fase de transição, poderá estudar e trabalhar na vida do Além e preparar-se para nova existência terrena, a fim de continuar evoluindo.





## O CONHECIMENTO ESPÍRITA GARANTE UMA BOA SITUAÇÃO NO ALÉM, AO DESENCARNARMOS?

O conhecimento espírita nos ajuda muito a entender a questão da desencarnação e pode fazer com que o Espírito, ao desencarnar, compreenda rapidamente o que lhe está acontecendo e saiba o que deve fazer para se readaptar melhor ao plano espiritual.

Mas não nos assegura uma boa situação no Além, se a ela não fizermos jus por nossos pensamentos, sentimentos e atos.

Somente a prática do bem assegura ao Espírito um despertar pacífico e sereno na pátria espiritual.

## OS QUE FICAM NA TERRA NÃO PODEM AJUDAR?

Podem, sim. As atitudes e ações de quem fica, em relação ao desencarnado, influem muito sobre ele.

Revolta, desespero, angústia pela partida do desencarnado podem repercutir nele de modo triste, desfavorável, deprimente, desanimador.

É por não entendermos a morte, o seu porquê e os seus efeitos, que agimos assim? Convém, então, estudarmos as informações espirituais quanto à desencarnação, para sabermos como nos comportar ante esse fato inevitável.

Sentir saudade é natural e, por vezes, não há como evitar o pranto. Mas que não resvalem para o choro excessivo, exigente e inconformado.

## ANTE OS QUE NOS ANTECEDERAM NA GRANDE VIAGEM, PODEMOS E DEVEMOS:

- orar por eles, com resignação

e esperança no futuro espiritual;

- não guardar demais objetos e coisas da pessoa que desencarnou, nem os ficar contemplando e acariciando indefinidamente;
- ocupar-se de seus deveres e da prática de ações boas, do auxílio ao próximo, em vez de ficar remoendo improdutivamente sua dor e saudade;
- procurar fazer o bem que a pessoa desejaria ou deveria ter feito quando estava aqui na Terra.

## PODEMOS TER NOTÍCIAS DE QUEM DESENCARNOU?

Podemos rogar a Deus que nos conceda essa benção, essa misericórdia.

Se vierem notícias por via mediúnica, analisemos as mensagens e informações recebidas. Condizem com a realidade espiritual e a boa orientação cristã? Em caso afirmativo, agradecemos a Deus o consolo recebido. Não correspondem à identidade do nosso querido desencarnado? Com tranquilidade, sem revolta nem desanimar na fé, ignoremos a mensagem recebida.

Do ponto de vista espiritual, nem sempre é considerado útil e oportuno que tenhamos notícias sobre os desencarnados. Neste caso, é preciso saber aceitar a ausência de notícias, continuando a confiar na sabedoria e no amor de Deus por todos nós, seus filhos.

Por vezes, as notícias vêm por meio de sonhos especiais, porque, ao dormir, desdobramo-nos espiritualmente e, então, podemos nos encontrar com outros Espíritos no plano invisível. ■


Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Depois da Morte*. Págs. 13 - 17. CEAK 2003.



# FUGA COMPROMETEDORA

POR Richard Simonetti

 **S**em dúvida, a mais trágica de todas as circunstâncias que envolvem a morte, de consequências devastadoras para o desencarnante, é o suicídio. Longe de enquadrar-se como expiação ou provação, no cumprimento de desígnios, o auto-aniquilamento situa-se por desastrada fuga, uma porta falsa em que o indivíduo, julgando libertar-se de seus males, precipita em situação muito pior.



“O maior sofrimento da Terra não se compara ao nosso” – dizem, invariavelmente, suicidas que se manifestam em reuniões mediúnicas.

Tormentos indescritíveis desabam sobre eles a partir da consumação do gesto lamentável. Precipitados violentamente na Espiritualidade, em plena vitalidade física, revivem, ininterruptamente, por largo tempo, as dores e emoções dos últimos instantes, confinados em regiões tenebrosas onde, segundo a expressão evangélica, “há choro e ranger de dentes”.

Um dos grandes problemas do suicida é o lesionamento do corpo perispiritual. Aqueles que morrem de forma violenta, em circunstâncias alheias à sua vontade, registram no perísprito marcas e impressões relacionadas com o tipo de desencarne que sofreram. São, entretanto, passageiras e tenderão a desaparecer tão logo ocorra sua plena reintegração na Vida Espiritual.

O mesmo não ocorre com o suicida, que exhibe na organização perispiritual ferimentos correspondentes à agressão cometida contra o corpo físico. Se deu um tiro no cérebro terá grave lesão na região correspondente; se ingeriu soda cáustica experimentará extensa ulceração à altura do aparelho digestivo; se atirou-se diante de um trem exibirá traumas generalizados.

Tais efeitos, que contribuem em grande parte para os sofrimentos do suicida, exigem, geralmente, um contato com nova estrutura carnal, na experiência reencarnatória, para serem superados. E fatalmente se refletirão nela. O tiro no cérebro originará dificuldades de raciocínio; a soda

cáustica implicará em graves deficiências no aparelho digestivo; o impacto violento sob as rodas do trem ensejará complexos quadros neurológicos.

Como ocorre em todos os casos de morte violenta, o suicida experimentará inevitável agravamento de seus padecimentos na medida em que a família mergulhe no desespero e na inconformação, exacerbados, não raro, por complexos de culpa.

“Ah! Se tivéssemos agido diferente! Se lhe déssemos mais atenção! Se procurássemos compreendê-lo!”.

Inútil conjecturar em torno de fato consumado. Diante de um ferido, em grave e inesperado desastre, seria contraproducente estarmos a imaginar que poderia não ter acontecido se agíssemos de modo diferente. Aconteceu! Não pode ser mudado! Imperioso manter o equilíbrio e cuidar do paciente.

O mesmo ocorre com o suicida. Ele precisa, urgentemente, de auxílio. Indispensável que reajamos ao desespero e cultivemos a oração. Esta é o bálsamo confortador, o alento novo para seus padecimentos no Além, o grande recurso capaz de reerguê-lo.

E se nos parece desalentador atentar às prolongadas e penosas experiências do companheiro que partiu voluntariamente, consideremos que seus sofrimentos não serão inúteis. Representarão para ele um severo aprendizado, amadurecendo-o e habilitando-o a respeitar a Vida e a voltar-se para Deus. ■

Fonte:

SIMONETTI, Richard. *Quem tem Medo da Morte. Fuga Comprometedora*. Págs. 52 - 55. Lumini.

# A CRIANÇA APÓS A MORTE

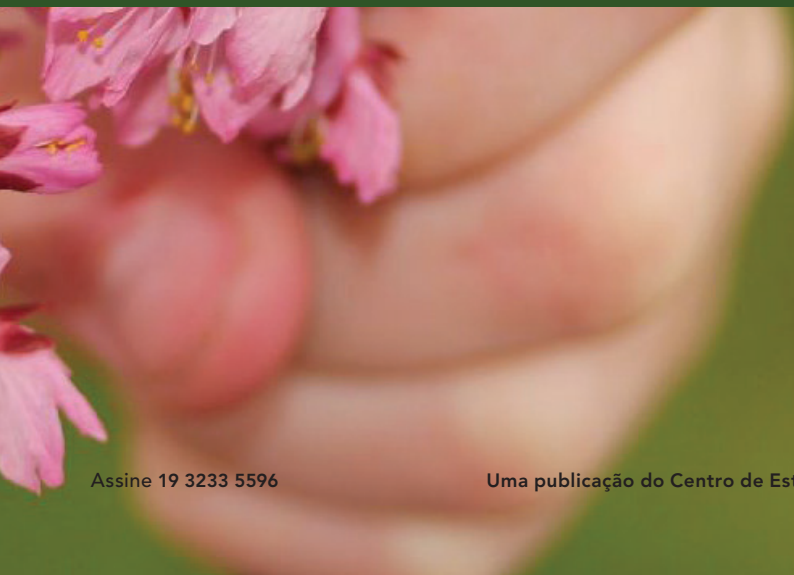
POR Therezinha Oliveira

QUE SIGNIFICADO OU VALOR  
ESPIRITUAL PODE TER A VIDA  
DE ALGUÉM QUE  
DESENCARNOU AINDA BEBÊ?





ESSA CURTA VIDA TEVE TAMBÉM  
**SUA FINALIDADE E PROVEITO,**  
DO PONTO DE VISTA ESPIRITUAL.



**P**ode ter sido, por exemplo:

- uma complementação de encarnação anterior não aproveitada integralmente;
- uma tentativa de encarnação que encontrou obstáculos no organismo materno, nas condições ambientes ou no desajuste perispiritual do próprio reencarnante; serviu, então, para alertar quanto às dificuldades e ensejar melhor preparo em nova tentativa de encarnação;
- uma prova para os pais (a fim de darem maior valor à função geradora, testemunharem humildade e resignação), ou para o reencarnante (a fim de valorizar a reencarnação como bênção).

## QUAL É, NO ALÉM, A SITUAÇÃO ESPIRITUAL DE QUEM DESENCARNOU CRIANÇA?

É a mesma que merecia com a existência anterior ou que já tinha na vida espiritual, porque na curta vida como criança, nada pôde fazer de bom ou de mau que alterasse a evolução, que representasse um desenvolvimento, um progresso.

Mas pode estar melhor na sua conscientização e no seu equilíbrio espiritual e, também, ter reajustado, no processo de ligamento e desligamento com o corpo, algum problema espiritual de que fosse portador.

## COMO É VISTO O ESPÍRITO DE QUEM DESENCARNOU CRIANÇA?

Uns se apresentam “crescidos” perispiritualmente e até já em forma adulta, pois, como Espíritos, não têm a idade do corpo.

Se desejam se fazer reconhecidos, pelas pessoas com quem conviveram, podem se apresentar com a forma infantil que tiveram.

Se vão ter de reencarnar em breve, poderão conservar a forma infantil do seu perispírito, que facilitará o processo de nova ligação à matéria.

E assim como há, para o Espírito de adultos, moradas no mundo fluídico, também há ali, para os Espíritos que ainda conservam a forma infantil, as chamadas “colônias”, em que são carinhosamente acolhidos e auxiliados por “tios” e “tias” benfeitores e onde permanecerão, enquanto necessitarem. ■

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Criança após a Morte*. Págs. 17 - 19. CEAK 2003.



# NÃO MORRERAM, PARTIRAM ANTES

POR Amado Nervo



**C**horas teus mortos com tamanho desconsolo que, dir-se-ia, és imortal.

*Not dead, but gone before*, diz sabiamente o prolóquio inglês:

Não morreram, partiram antes.

Tua impaciência se move como loba faminta, ansiosa de devorar enigmas.

Pois não morrerás logo depois, e forçosamente não virás a saber a solução de todos os problemas que são de uma diáfana e deslumbrante sutilidade?

Partiram antes... por que interrogá-los com nervosa insistência?

Deixa que eles sacudam o pó do caminho, que descansam no regaço do Pai e ali curem as feridas de seus

pés andarilhos; deixa que ponham seus olhos nos verdes prados da paz...

O trem espera. Por que não preparar o bernal de viagem? Esta seria mais prática e eficaz tarefa.

Ver teus mortos é de tal modo premente e inevitável que não deves alterar com a menor ansiedade as poucas horas de teu repouso.

Eles, com um conceito total do tempo, cujas barreiras transpuseram de um salto, também te aguardam tranquilamente. Foi que simplesmente tomaram um dos trens anteriores. ■

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Não Morreram, Partiram Antes*. Pág. 23. CEAk 2003.

# CREMAÇÃO DE CADÁVERES E TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS

POR Therezinha Oliveira

O corpo é uma veste e um instrumento muito valioso e útil para o Espírito, enquanto está encarnado. Depois de morto, nenhuma utilidade tem mais para o Espírito que o animou. Poderá vir a ser cremado ou lhe serem retirados órgãos para transplantar em quem os necessite, sem que nada disso traga nenhum prejuízo real para o Espírito desencarnado.

Pensam alguns que se o corpo for queimado ou lesado haverá prejuízo para a sua ressurreição no mundo espiritual. Entretanto, não é o corpo material que continua a viver além-túmulo nem é ele que irá ressurgir, reaparecer, mas sim o Espírito com o seu corpo fluídico (perispírito), que nada tem que ver com o corpo que ficou na Terra.

No caso de cremação, é recomendável um intervalo razoável após a morte (Emmanuel diz 72 horas), a fim de se ter a maior segurança de que o desligamento perispiritual já se completou.

No caso de doação de órgãos, basta que as pessoas se acostumem com a idéia de a fazerem de boa vontade e estejam bem esclarecidas a respeito. Encarnados doam órgãos por amor, para ajudar alguém, e não receiam nenhum sofrimento ou inconveniente que isso lhes traga. Por que não doar órgão depois de estar morto o nosso corpo, nem sofreremos quando forem retirados do corpo quando ele já nem nos serve mais, nem sofreremos quando forem retirados do corpo que houvermos abandonado?



# COMEMORAÇÕES FÚNEBRES

Variados são os costumes, ideias e atitudes que a sociedade e a religião adotam, ante os corpos mortos e os Espíritos que os deixaram.

O espírita respeita tais procedimentos, mas nem a todos aceita; e, nos que aceita, age sempre em função da realidade espiritual e não das aparências.

Assim, o espírita:

**Nos velórios** – não se desespera; mantém-se em atitude respeitosa, pois sabe que o Espírito desencarnante está em delicada fase de desprendimento do corpo e de transformação de sua existência. Não usa velas, coroas, flores, pois o Espírito não precisa dessas exterioridades; mas procura oferecer o que o desencarnante realmente precisa, que é o respeito à sua memória, orações, pensamentos carinhosos em favor de

sua paz e amparo no mundo espiritual. É fraterno com os familiares e amigos do desencarnante, ajudando-os no que puder.

**Nos sepultamentos** – não adota luxo nem ostentação nem se preocupa em erigir túmulos; mas lembra sempre com afeto os entes queridos já desencarnados e procura honrá-los com atos bons e carinhosos em sua homenagem.

**Nas orações** – ora sempre pelo bem-estar e progresso espiritual dos desencarnados, mas sabe que não é indispensável ir aos cemitérios para isso, porque as vibrações alcançam o Espírito, onde quer ele esteja. ■

Fonte:

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Cremação de Cadáveres e Transplante de órgãos*. Págs. 19 - 22. CEAK 2003.

# REPENSANDO A MORTE

POR Richard Simonetti

**U**ma situação constrangedora: Cumprimentar, em velórios, os familiares do falecido. À falta de algo mais original, assumimos expressão grave, compungida, estendemos a mão e pronunciamos o indefectível:

- Meus pêsames...
- Se o desenlace ocorreu após longa enfermidade, acrescentamos:
- Sofreu muito! Finalmente descansou...
- Há quem consiga, simultaneamente, lamentar a morte e promover o morto:
- Coitado! Tão bom! ... Morreu! Seria a morte o castigo dos maus? O contrário também acontece. Se era jovem, comentam:
- Os bons morrem cedo! – ideia nada lisonjeira para os idosos.

\*\*\*

A ignorância em torno do assunto é generalizada, inspirando temores terríveis nos que partem e angústias insuperáveis nos que ficam.

Há pessoas que parecem incapazes de tornar à normalidade quando falece um ente querido, principalmente se envolve circunstâncias trágicas. Pesquisas demonstram que,

um ou dois anos após a separação, é comum os viúvos serem acometidos por graves problemas de saúde que, não raro, culminam com sua morte.

Pessoas conturbadas, nervosas e doentes, em virtude do desencarne de afeto caro ao seu coração, aportam no Centro Espírita. Procuram não apenas a cura para seus males, mas, sobretudo, uma mensagem de conforto e esperança, que lhes restitua a vontade de viver.

A Doutrina Espírita tem muito a nos oferecer nesse sentido, tanto que é notório o comportamento mais tranquilo dos espíritas diante da morte.

Conversamos, certa feita, com um oncologista (médico especialista em câncer), habituado a lidar com doentes terminais (que estão no fim da existência). Empenhado em ajudá-los a enfrentar com serenidade os últimos dias, encontra insuperável dificuldade: os pacientes, em sua maioria, recusam-se a encarar a perspectiva de sua própria morte.

Disse-nos ele que com os espíritas não há esse problema.

Por quê? Seriam, porventura, mais evoluídos os profíctos da Doutrina Espírita?

Evidente que não!

Ocorre que o Espiritismo oferece-nos uma visão mais objetiva, eliminando fantasias que fazem da morte algo terrível, tétrico, assustador, como se fosse o que de pior pudesse acontecer à criatura humana.

\*\*\*

Sob a ótica espírita não há por que dizer “meus pêsames” aos familiares do morto. Seria o mesmo que oferecer condolências ao prisioneiro de uma penitenciária, cujo companheiro de cela, após cumprir sua pena, ganhou a liberdade.

A morte é a nossa porta de libertação. Em tempo oportuno, na infância, juventude, madureza ou velhice, segundo os programas de Deus, no instituto das experiências necessárias à nossa evolução, deixamos o corpo denso, pesado, que limita nossos movimentos, que inibe nossas iniciativas, que restringe nossas percepções, e retornamos à amplidão, à vida em plenitude.

\*\*\*

Ante familiares que falecem, muitos, embora aceitando princípios religiosos que consagram a imor-





talidade, desesperam-se por sentir que, de certa forma, os perderam, porquanto, segundo suas concepções aqueles que partem permanecem irremediavelmente distantes, às voltas com beatitudes ou tormentos infernais.

Para essas pessoas o Espiritismo tem excelentes notícias, demonstrando que nossos amados continuam ligados a nós. Eles nos vêem, nos visitam, nos estimulam, nos sustentam nos momentos difíceis e, sobretudo, nos esperam ... E tanto mais feliz será o reencontro quando chegar a nossa hora, quanto maior o nosso empenho em enfrentar com serenidade, firmeza e equilíbrio o desafio de viver sem eles na Terra,

A esse propósito vale destacar a observação de um agonizante à esposa que, em desespero, dizia-lhe não ter condições para continuar vivendo. Buscaria o suicídio tão logo ele expirasse.

- Por favor, minha querida, livre-se dessa ideia infeliz. O suicídio tornaria impossível nossa união na Espiritualidade. E isso é o que mais desejo, tanto quanto você.

\*\*\*

Ante o conhecimento espírita é uma impropriedade afirmar, à guisa de conforto, que o falecido “descansou”. Isso sim, seria terrível, em perturbadora estagnação. Para sua felicidade ele continuará a movimentar-se em novos planos, em múltiplas experiências, trabalhando, estudando, adquirindo conhecimentos, lutando, sofrendo, sonhando, vivendo, enfim, nos caminhos da evolução.

Da mesma forma não há por que o considerarmos “coitado”, porque morreu. Coitados são aqueles que se comprometem com a irresponsabilidade, a indolência, a corrupção, o vício, o crime... Estes, sim, devem ser lamentados, porque semeiam espinhos que fatalmente serão chamados a colher.

\*\*\*

Com a disseminação dos princípios espíritas, temores e dúvidas a respeito da morte serão superados, compreendendo-se que ela, em verdade, não existe. A vida é eterna, alternando-se no plano físico e espiritual, de conformidade com nossas necessidades evolutivas.

E se quisermos a fórmula ideal para enfrentar nossa própria morte,

é simples:

Vivamos cada dia como se fosse o último.

Imaginemos todo o bem que praticaríamos e todo mal que evitaríamos, se aprovesse a Deus chamar-nos amanhã ...

- Habitue-se à ideia de que estamos em trânsito pela Terra. A morte não nos assustará se a identificarmos como mero passaporte para a espiritualidade, na viagem eterna da Vida.

- Encare o fato de que mais cedo ou mais tarde ver-se-á às voltas com o falecimento de familiares. Admitindo essa fatalidade ficará mais fácil aceitar a separação quando chegar a hora.

- Ante o afeto que parte, cultive submissão aos desígnios divinos. Revolta, desespero, inconformação, desequilíbrio, que exacerbam terrivelmente todas as dores, só têm acesso ao nosso coração quando não confiamos em Deus. ■

Fonte:

SIMONETTI, Richard. *Uma razão para viver*. Págs. 68 – 73. CEAC. 1999.

# VELHO TRAUMA

POR Richard Simonetti

 **R**ecomendações:

- Só me enterrem quando começar a cheirar mal! ...

- Não me sepultem. Quero ser cremado! ...

- Cumpram rigorosamente o prazo de vinte e quatro horas para o enterro. Não importam as circunstâncias de minha morte! ...

\*\*\*

Em palestras sobre a morte, a pergunta frequente:

- Se eu passar por um transe letárgico e despertar no túmulo, o que acontecerá comigo?

A resposta jocosa:

- Nada de especial. Simplesmente morrerá em poucos minutos, por falta de oxigênio.

\*\*\*

Incrível a preocupação das pes-

soas com a possibilidade de serem enterradas vivas, alimentadas por velhas lendas de cadáveres estranhamente virados no esquife, quando este é aberto, meses ou anos após a inumação.

Talvez fatos dessa natureza tenham ocorrido nos séculos passados, particularmente por ocasião de epidemias ou de batalhas, onde, diante da quantidade de corpos a serem sepultados, passava-se por cima desse elementar cuidado de verificar se o indivíduo estava realmente morto. Nossos ancestrais terão confundido, não raro, a letargia com a morte, condenando as vítimas de sua ignorância a um desencarne por asfixia.

Na atualidade é praticamente impossível enterrar alguém vivo, desde que a família peça a presença de um médico (o que no Brasil é imposto por lei, já que não se pode provi-





denciar o sepultamento sem o atestado de óbito firmado por profissional da Medicina e este não pode fazê-lo sem o competente exame do defunto).

O médico constará facilmente se o candidato ao atestado está realmente morto ou em estado letárgico. Na letargia não cessam as funções vitais. O organismo permanece em funcionamento, mas de forma latente, imperceptível à observação superficial.

Com o estetoscópio ele verificará tranquilamente se há circulação sanguínea, sustentada pelos batimentos cardíacos. Se ocorre uma parada cardíaca a morte consuma-se em quatro minutos. O exame oftálmico também é conclusivo. Verificando-se a midríase, uma ampla dilatação da pupila, sem resposta aos estímulos luminosos, o falecimento está consumado.

Parece-nos que os temores a respeito do assunto têm origem em problemas de desligamento, já que é muito comum o Espírito permanecer preso ao corpo por algumas horas ou dias, após o sepultamento, por despreparo para a morte.

Considerando que certamente todos já passamos por essa desagradável experiência em vidas anteriores, guardamos nos refolhos da consciência traumas que se manifestam no temor de sermos enterados vivos.

A compreensão dos mecanismos da morte, aliada à observância dos compromissos da vida, ajudar-nos-ão a superar essa incômoda herança de nossas desastradas experiências do passado. ■

Fonte:

SIMONETTI, Richard. *Quem tem Medo da Morte*. Págs. 76 - 79. Lumini.

# ESTRANHO CULTO

POR Richard Simonetti

**O**lá, passando?  
 - Sim, visitarei meu filho ...  
 - Como?! Ele não morreu?!  
 - Vou ao cemitério ...

Este diálogo surrealista ocorre com frequência. As pessoas dispõem-se a visitar os mortos no cemitério. Levam flores e cuidam com muito carinho do túmulo, a “última morada”.

Determinados cultos religiosos chegam a orientar seus profíctes no sentido de levar-lhes alimentos. E há a tradicional queima de velas, para “iluminar os caminhos do além”.

Certa vez, em minha infância, alguns companheiros e eu, garotos arteiros, fomos ao cemitério, onde “afanamos” dezenas de velas, pretendendo usá-las em nossas brincadeiras.

Ao ter conhecimento da proeza, minha avó, uma velhinha italiana muito querida, zelosa das tradições

religiosas, recolheu-as todas e, após admoestar-me com severidade pelo desrespeito, acendeu-as na varanda de nossa casa.

- Vela por intenção das Almas – explicou solene – devem queimar até o fim!

Dei graças aos Céus por vê-la desistir da ideia de obrigar-me a retornar ao cemitério, em plena noite, restituindo-as, acesas, aos “proprietários”. Com a generosidade de que lhe era peculiar, aceitou o argumento de que seria impossível identificar exatamente as sepulturas de onde as retiramos.

Há uma incrível deformação nas concepções a respeito do assunto. Muita gente não consegue assimilar plenamente a ideia de que o Espírito eterno segue seu destino no Plano Espiritual, deixando no cemitério apenas vestes carnis em decomposição, que nada têm a ver com a sua individualidade, tanto quanto o terno de um indivíduo

não é ele próprio.

A frequência aos cemitérios configura-se, assim, como autêntico “culto aos cadáveres”, que desaparecerá na proporção em que a criatura humana assimilar noções mais amplas sobre a vida espiritual.

Ressalte-se que quando pensamos intensamente naqueles que partiram é como se os evocássemos, trazendo-os até nós.

Não convertamos, portanto, as necrópoles em “salas de visita do Além”. Há locais mais aprazíveis para esse contato, principalmente para o “morto”. Se ele desencarnou recentemente e ainda não está perfeitamente adaptado às novas realidades, sentir-se-á pouco à vontade na contemplação de seus despojos carnis. ■

Fonte:

SIMONETTI, Richard. *Quem tem Medo da Morte*. Págs. 105 -108. Lumini.





# FLORES DE SAUDADE

POR Richard Simonetti



**S**e pretendemos cultivar a memória de familiares queridos, transferidos para o Além, elejamos o local ideal: nossa casa.

Usemos muitas flores para enfeitar a Vida, no aconchego do lar; nunca para exaltar a morte, na frieza do cemitério.

Eles preferirão, invariavelmente, receber nossa mensagem de carinho, pelo correio da saudade, sem selagem fúnebre.

É bom sentir saudade. Significa que há amor em nossos corações, o sentimento supremo que empresta significado e objetivo à existência.

Quando amamos de verdade, com aquele afeto puro e despojado, que tem nas mãos o exemplo maior,

sentimo-nos fortes e resolutos, dispostos a enfrentar o Mundo.

E talvez Deus tenha inventado a ilusão da morte para que superemos a tendência milenar de aprisionar o amor em círculos fechados de egoísmo familiar, ensinando-nos a cultivá-lo em plenitude, no esforço da fraternidade, do trabalho em favor do semelhante, que nos conduz às realizações mais nobres.

Não permitamos, assim, que a saudade se converta em motivo de angústia e opressão. Usemos os filtros da confiança e da fé, dificultando-a com a compreensão de que as ligações afetivas não se encerram na sepultura. O Amor, essência da Vida, estende-se, indestrutível, às moradas do Infinito, ponte sublime

que sustenta, indelével, a comunhão entre a Terra e o Céu ...

Há, pois, dois motivos para não cultivarmos tristeza:

Sentimos saudade – não estamos mortos ...

Nossos amados não estão mortos – sentem saudade ...

E se formos capazes de orar, contritos e serenos, nesses momentos de evocação, orvalhando as flores da saudade com a bênção da presença, sentiremos a presença deles entre nós, envolvendo suavemente nossos corações com cariciosos perfumes de alegria e paz. ■

**Fonte:**

SIMONETTI, Richard. *Quem tem Medo da Morte?* Págs. 109-111. Lumini. 1987.



# JÓIAS DEVOLVIDAS

POR Therezinha Oliveira

EXISTE UMA PALAVRA-CHAVE PARA ENFRENTARMOS COM SERENIDADE E EQUILÍBRIO A MORTE DE UM ENTE QUERIDO: **SUBMISSÃO**





**E**la exprime a disposição de aceitar o inevitável, considerando que, acima dos desejos humanos, prevalece a vontade soberana de Deus, que nos oferece a experiência da morte em favor do aprimoramento de nossa vida...

A esse propósito, oportuno recordar antiga história oriental sobre um rabi, pregador religioso judeu que vivia muito feliz com sua virtuosa esposa e dois filhos admiráveis, rapazes inteligentes e ativos, amorosos e disciplinados.

Por força de suas atividades, certa vez o rabi ausentou-se por vários dias, em longa viagem. Nesse ínterim, um grave acidente provocou a morte dos dois moços.

Podemos imaginar a dor daquela mãe!... Não obstante, era uma mulher forte. Apoiada na fé e na inabalável confiança em Deus, suportou valorosamente o impacto. Sua preocupação maior era o marido. Como transmitir-lhe a terrível notícia?!... Temia que uma comoção forte tivesse funestas consequências, porquanto ele era portador de perigosa insuficiência cardíaca. Orou muito, implorando a Deus uma inspiração. O Senhor não a deixou sem resposta...

Passados alguns dias, o rabi retornou ao lar. Chegou à tarde, cansado, após longa viagem, mas muito feliz. Abraçou carinhosamente a esposa e foi logo perguntando pelos filhos...

-Não se preocupe, meu querido. Eles virão depois. Vá banhar-se, enquanto preparo o lanche.

Pouco depois, sentados à mesa, permutavam comentários do cotidiano, naquele doce enlevo de cônjuges amorosos, após breve separação.

- E os meninos? Estão demorando!...

- Deixe os filhos... Quero que você me ajude a resolver um grave

problema...

- O que aconteceu? Notei que você está abatida!... Fale! Resolvemos juntos, com a ajuda de Deus!...

- Quando você viajou, um amigo nosso procurou-me e confiou à minha guarda duas jóias de incalculável valor. São extraordinariamente preciosas! Nunca vi nada igual! O problema é esse: ele vem buscá-las e não estou com disposição para efetuar a devolução.

- Que é isso, mulher! Estou estranhando seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades!...

- É que jamais vira jóias assim. São divinas, maravilhosas!...

- Mas não lhe pertencem...

- Não consigo aceitar a perspectiva de perdê-las!...

- Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo!

- Ajude-me!...

- Claro que o farei. Iremos juntos devolvê-las, hoje mesmo!

- Pois bem, meu querido, seja feita sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade isso já foi feito. As jóias **eram nossos filhos**. Deus, que no-los concedeu por empréstimo, à nossa guarda, veio buscá-los!...

O rabi compreendeu a mensagem e, embora experimentando a angústia que aquela separação lhe impunha, superou reações mais fortes, passíveis de prejudicá-lo.

Marido e mulher abraçaram-se emocionados, misturando lágrimas que se derramavam por suas faces mansamente, sem burburinhos de revolta ou desespero, e pronunciaram, em uníssono, as santas palavras de Jó:

*Deus deu, Deus tirou. Bendito seja o Seu santo nome. ■*

**Fonte:**

OLIVEIRA, Therezinha. Opúsculo: *Ante os que Partiram. Jóias Devolvidas*. Págs. 135 - 138. CEAK 2003

# Centro de Estudos Espíritas

# Nosso Lar

## Conheça nossas atividades e participe.

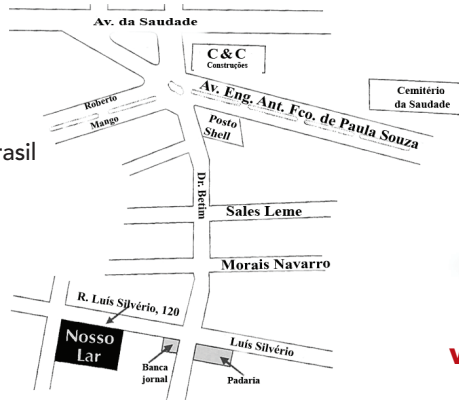
Cursos gratuitos	Dias	Horários	Início	
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	domingo	10h00 - 11h00	03/03/2013	
1º Ano: Curso de Iniciação ao Espiritismo com aulas e projeção de filmes (em telão) alusivos aos temas. Duração 1 ano com uma aula por semana.	2ª Feira	20h00 - 21h00	04/03/2013	
2º Ano	3ª Feira	20h00 - 22h00	05/02/2013	Restrito
2º Ano	Domingo	09h00 - 11h00	03/02/2013	Restrito
3º Ano	2ª Feira	20h00 - 22h00	04/02/2013	Restrito
3º Ano	Domingo	09h00 - 11h00	03/02/2013	Restrito
Evangelização da Infância	Domingo	10h00 - 11h00	Fev / Nov	Aberto ao público
Mocidade Espírita	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao público

Atendimento ao público				
Assistência Espiritual: Passes	2ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao público
Assistência Espiritual: Passes	3ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao público
Assistência Espiritual: Passes	4ª Feira	14h00 - 14h40	ininterrupto	Aberto ao público
Assistência Espiritual: Passes	5ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao público
Assistência Espiritual: Passes	6ª Feira	20h00 - 20h40	ininterrupto	Aberto ao público
Assistência Espiritual: Passes	Domingo	09h00 - 09h40	ininterrupto	Aberto ao público
Palestras Públicas	Domingo	10h00 - 11h00	ininterrupto	Aberto ao público

Rua Dr. Luís Silvério, 120  
13042-010 Vila Marieta  
Campinas – São Paulo – Brasil  
(19) 3233-5596

Ônibus: Vila Marieta nr. 348  
\*Ponto da Benjamim Constant  
em frente à biblioteca municipal.



Conheça mais sobre nós:  
[www.nossolarcampinas.org.br](http://www.nossolarcampinas.org.br)